

CONSIDERAÇÕES SOBRE GESTOS DA FALA: CONTÍNUO DE KENDON, DIMENSÕES E SISTEMA INTEGRADO

*CONSIDERATIONS ON CO-SPEECH GESTURES:
KENDON'S CONTINUUM, DIMENSIOIS
AND THE INTEGRATED SYSTEM*

Fabício Alexandre da Silva

UFPB - fabricaoalexandre@hotmail.com

Evangelina Maria Brito de Faria

UFPB - evangelinab.faria@gmail.com

Resumo. Os gestos estão fortemente conectados à fala e a natureza dessas interações tem atraído uma atenção considerável de pesquisadores nas áreas de linguagem e multimodalidade. Apresentamos, neste trabalho, alguns conceitos explanatórios sobre o contínuo de Kendon relacionados à taxonomia (gesticulações, gestos preenchedores, emblemas, pantomimas e línguas de sinais), com base nos trabalhos de McNeill (1992, 2002, 2006, 2015) e demais autores, bem como sobre uma tipologia (dimensões) mais específica que considera os gestos icônicos, metafóricos, dêiticos e ritmados. Além disso, serão contemplados alguns aspectos relacionados à abordagem do gesto e da fala como um sistema integrado.

Palavras-chave: Gesto. Fala. Sistema integrado.

Abstract: Gestures are strongly connected to speech and the nature of these interactions has attracted considerable attention from researchers in the areas of language and multimodality. In this work, we present some explanatory concepts regarding the Kendon's *continuum* related to taxonomy (gesticulations, speech-framed gestures, emblems, pantomimes and sign languages), based on the works of McNeill (1992, 2002, 2006, 2015) and other authors, as well as regarding more specific typology (dimensions) that considers iconic, metaphoric, deictic and beat gestures. In addition, some aspects related to the approach of gesture and speech as an integrated system will be contemplated.

Keywords: Gesture. Speech. Integrated system.

1. Introdução

Num primeiro momento, pode parecer fácil a definição de gesto: o movimento da(s) mão(s) produzido por um indivíduo. Contudo, quando se pensa mais detidamente a respeito, é possível se questionar se as mãos são os únicos canais de produção ou se outras partes do corpo podem

ser utilizadas nesse processo. Diante da variedade que se observa e da função que desempenham, os gestos podem ser classificados em tipos, ou dimensões, como veremos adiante.

Quando fala, o emissor não está somente encadeando unidades linguísticas que o ouvinte receberá e decodificará; ele também realizará uma série de movimentos do corpo que o ouvinte integrará à mensagem transmitida oralmente e decodificará como uma só mensagem (SUÁREZ, 2011). Esses movimentos são, assim, atos que sempre estão presentes nos eventos interacionais. Contudo, os gestos não podem ser definidos como meros movimentos corporais que o sujeito realiza enquanto fala – eles são tidos como intencionais para comunicar algo em uma conversa em andamento e têm características de expressividade deliberada (KENDON, 2004).

Segundo Van Dijk (2000), no discurso, os sons ocorrem isolados. Habitualmente, estão acompanhados por diversos tipos de atividade não verbal, como os gestos, as expressões faciais, a posição do corpo, a proximidade, o aplauso e o riso, enfim, todas as ações que acompanham de maneira pertinente as conversações e, conseqüentemente, requerem, por direito próprio, uma análise do papel que desempenham na realização da totalidade da comunicação. Juntamente com a oralidade, a atividade não verbal desempenha um papel importante na interpretação do sentido e das funções do discurso na interação entre duas ou mais pessoas.

Nesse sentido, a área da multimodalidade tem fornecido uma evidência empírica crescente para fortalecer a teoria de que os gestos são um modo de expressão fortemente ligado à linguagem e à fala. Essa última une-se ao gesto, formando, assim, um sistema interconectado. São, ainda, fenômenos espaço-visuais influenciados por fatores contextuais e estão intimamente ligados a processos linguísticos sofisticados, segundo Gullberg, Bot e Volterra (2008).

Para Andonegi *et al.* (2017), a combinação gesto-fala é uma característica fundamental da condição humana. Como destaca McNeill (1992), na linguagem gestual humana, as modalidades discursivas são coordenadas não apenas no nível fonológico, mas também nos níveis semântico e pragmático. Assim, as crianças começam a usar combinações intencionadas de gesto-fala por volta do final do primeiro ano de vida, alguns meses depois de ter-se iniciado o balbúcio canônico e precedendo a etapa linguística da primeira palavra.

Kendon (1980) define os gestos como ações visíveis das mãos, rosto e corpo que são usadas intencionalmente para se comunicar e são expressas juntamente com enunciados. Durante a execução, eles podem exibir complexidade semiótica de diferentes tipos, ter diferentes funções comunicativas e variar em sua relação semântica com a fala. Desse modo, segundo Özyürek (2014), constata-se que os gestos agregam valores semânticos, sintáticos e pragmáticos à parte verbal de um enunciado, formando, assim, um todo de partes compostas de diversidade semiótica.

Dadas as múltiplas funções e a interação que ocorre entre as duas modalidades (gesto e fala), com este trabalho, busca-se compreender e explorar essas questões, com foco no contínuo de Kendon (gesticulações, gestos preenchedores, emblemas, pantomimas e línguas de sinais) e em uma “tipologia” mais específica que considera os gestos icônicos, metafóricos, dêiticos e ritmados. Além disso, serão fornecidas algumas considerações a respeito da integração gesto-fala.

2. O *continuum* de Kendon

Adam Kendon (1980) traçou considerável distinção entre alguns tipos de gestos através de um contínuo que seria denominado mais tarde por David McNeill (1992) de *Continuum* de

Kendon, em sua homenagem. Com base nesse trabalho, McNeill focou em categorias específicas do contínuo gestual. Começaremos, então, a abordar os tipos a seguir: gesticulação, gestos preenchedores, emblemas, pantomimas e sinais.

Sendo o tipo de gesto mais frequente no uso diário, a gesticulação é um movimento que carrega um significado relacionado ao enunciado que o acompanha e abrange muitas variantes e usos. Este tipo é realizado principalmente com os braços e as mãos, mas outras partes do corpo podem ser utilizadas também. A cabeça, por exemplo, pode assumir o controle como um tipo de “terceira mão” se as duas mãos estiverem ocupadas ou imobilizadas; até mesmo as pernas e os pés podem se mover de uma maneira gestual (MCNEILL, 2006). Ainda, segundo McNeill, a gesticulação é o tipo de gesto que oferece maior penetração na língua em si, representando 99% da frequência de utilização total (MCNEILL, 2015).. Ela “possui marcas da comunidade de fala e marcas do estilo individual de cada um” (CAVALCANTE, 2009, p. 2426) e “combina tanto universais quanto traços linguísticos de uma comunidade” (CAVALCANTE *et al.*, 2015, p.44). Assim, as gesticulações são produzidas por falantes de todas as línguas.

Os gestos preenchedores são parte da própria sentença – o termo “preenchedor” é utilizado, aqui, com base na tradução de Cavalcante (2018) para *speech-framed gestures*. Como a denominação sugere, esses gestos ocupam um espaço em uma sentença e completam sua estrutura. Com relação à temporização, diferem das gesticulações, pois estas estão sincronizadas com a fala, enquanto os gestos preenchedores ocupam uma lacuna que preenche um compartimento gramatical, de modo que o sentido possa ser construído na presença da fala (MCNEILL, 2006). Imaginemos, agora, a seguinte situação: numa conversa sobre política, uma das pessoas fala sobre um prefeito que foi preso por corrupção. Em sua colocação, um dos interlocutores afirma que “o político roubou muito dinheiro”, mesclando fala e gestos. Os gestos preenchedores poderiam atuar de diversos modos aqui: tanto para o termo “roubou” (polegar direito sob a palma da mão esquerda, enquanto a mão direita faz um breve movimento para a esquerda), quanto para o termo “muito” (em que a palma da mão está voltada para cima e o polegar toca os demais dedos repetidas vezes em milésimos de segundo), por exemplo.

Os emblemas são sinais convencionados, a exemplo do polegar indicado para cima ou o dedo indicador tocando a ponta do polegar, formando, assim, um “anel” para indicar “Ok”. De acordo com McNeill (2006), Adam Kendon utiliza o termo “*quotable gestures*”, referindo-se a eles como tradutores verbais de um enunciado completo, pois são significativos com ou sem a fala, temporizando diferentemente dela. Por serem culturalmente específicos, os emblemas variam de região para região. Segundo Tellier (2009, p. 3), “as pessoas que pertencem à mesma comunidade cultural entendem esses gestos, pois aprenderam os mesmos durante a aquisição da linguagem”. Outra característica importante desse tipo é que:

Muitos emblemas têm raízes históricas profundas, mais antigas do que as línguas nas quais eles ocorrem. A maioria dos emblemas tem componentes icônicos ou metafóricos. O contato do indicador com o polegar em um sinal de “Ok” captura a ideia de precisão. Mas o emblema também é especificado por uma convenção pareando a forma do gesto a um significado de aprovação. A fixidez do emblema é a evidência disso. A ação de colocar o dedo médio em contato com o polegar, ainda delinea informações precisas, mas deixa de ser o sinal de “Ok” para aprovação. (MCNEILL, 2006, p. 3).

A pantomima representa ações cotidianas e é caracterizada como uma mímica, uma simulação, um gesto ou uma sequência de micro ações que expressam uma linha narrativa, com uma história a contar, produzida sem fala em um ato individual (CAVALCANTE, 2009). Fingir estar sentindo alguma dor ou simular estar alegre são alguns exemplos de pantomima.

Os sinais são léxicos numa língua de sinais, como é o caso da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Segundo McNeill (1992), as línguas de sinais são “sistemas linguísticos de direito, com segmentação, composicionalidade, léxico, sintaxe, distinção, padrões de boa formação e uma comunidade de usuários” (p. 38). Justamente por possuírem estruturas linguísticas próprias (padrões gramaticais, classes de palavras, padrões morfológicos etc.), o código linguístico varia também de um país para outro.

Como afirma Tellier (2009), originalmente, McNeill (1992) organizou esses quatro tipos de gestos em um contínuo de acordo com a sua relação com a fala e com o grau de convenção. Assim, à esquerda, a gesticulação é feita de gestos que requerem a presença da fala, enquanto, à direita, as línguas de sinais são utilizadas sem a fala. À esquerda, a gesticulação é feita de gestos idiossincráticos, e, na extremidade direita, as línguas de sinais são extremamente convencionais, com signos regulados socialmente. Em 2000, David MacNeill enriqueceu esse contínuo, ao dividi-lo em quatro contínuos, utilizando as características “relação com a fala” e “relação com convenções”, e ao adicionar características tais como “relação com propriedades linguísticas” e “relação com o caráter semiótico”. Os quatro contínuos são descritos na tabela a seguir:

	Gesticulação	Pantomimas	Emblemas	Línguas de Sinais
Contínuo 1	Presença obrigatória de fala	Ausência obrigatória de fala	Presença opcional de fala	Ausência obrigatória de Fala
Contínuo 2	Ausência de propriedades linguísticas	Ausência de propriedades linguísticas	Ausência de algumas propriedades linguísticas	Presença de propriedades linguísticas
Contínuo 3	Não convencional	Não convencional	Parcialmente convencional	Totalmente convencional
Contínuo 4	Global e sintética	Global e analítica	Segmentada e sintética	Segmentada e analítica

Tabela 1: Contínuo de Kendon (MCNEILL, 2000, p. 5).

Dois tipos de mudanças recíprocas ocorrem quando se analisa essa tabela da esquerda para a direita: “a presença obrigatória de fala diminui e a presença de propriedades linguísticas aumenta” (CAVALCANTE; BRANDÃO, 2012, p. 57). Embora os gestos preenchidos não constem acima, é necessário salientar que eles também são obrigatoriamente realizados com a fala, porém se relacionam com ela de modo diferente – sequencialmente, em vez de concorrentemente, com um papel linguístico específico: o de assumir o lugar de um termo ou expressão. McNeill (2006) destaca que as gesticulações, e não outros pontos presentes nesse contínuo, combinam propriedades que são diferentes, e essa combinação ocupa o mesmo instante comunicativo.

3. O quarteto formado pelas gesticulações

À luz da semiótica peirceana, Elena Levy e David McNeill propuseram um esquema de classificação com quatro categorias de gestos, a saber: icônicos, metafóricos, dêiticos e gestos ritmados. Todos esses são gesticulações ou gestos preenchedores do *Continuum* de Kendon.

Icônicos: tais gestos representam imagens de entidades concretas e/ou ações. Como símbolos referenciais, funcionam através de semelhança formal e estrutural com o evento ou objetos e “estão estreitamente ligados ao discurso, servindo para ilustrar o que está sendo dito [...], estabelecendo com o referente uma relação de metonímia” (MCNEILL, 2006; CAVALCANTE, 2018, p. 10). Ou seja, “na maioria das vezes, os gestos icônicos representam movimento corporais, movimentos de objetos ou pessoas no espaço, e formatos de pessoas ou objetos. Eles fazem isso concreta e relativamente transparente” (GOLDIN-MEADOW, 2003, p. 7). Por exemplo, parecer segurar e dobrar algo enquanto diz “ele inclinou as costas”, ou quando a pessoa utiliza as mãos para demonstrar o tamanho de um objeto físico.

Metafóricos: são bem similares aos icônicos, mas não são limitados a representações de eventos concretos, podendo representar conteúdo abstrato. Em um gesto metafórico, um sentido abstrato é apresentado como se tivesse forma e/ou ocupasse espaço (MCNEILL, 2006; CAVALCANTE *et al.*, 2015). Um exemplo deste tipo é a configuração das mãos abertas com a palma para cima, como se o falante quisesse demonstrar através desse gesto que não entendeu nada da aula a que assistiu.

Dêiticos: são prototípicos e o mais conhecido é o ato de apontar, embora quase toda parte “extensível” do corpo possa ser usada. Para Tellier (2009, p. 4), “muitas das ações de apontar que vemos nas conversações entre adultos e na contação de histórias não são apontando para objetos fisicamente presentes ou lugares, mas é um ato de apontar abstrato”. Geralmente acompanham palavras como “aqui”, “isto” etc.

Gestos ritmados: são assim chamados pois as mãos (em movimentos de batidas para cima / para baixo, para trás / para frente etc.) funcionam como marcadores temporais. Não têm nenhuma conexão semântica com a fala que os acompanha, mas essas batidas têm uma funcionalidade discursiva, sinalizando o lugar temporal de algo que o falante considera importante em relação ao todo (TELLIER, 2009).

4. A integração gesto-fala

Os gestos desempenham um importante papel na produção e na compreensão da língua falada. Essa influência depende de vários fatores, como a relação entre a informação expressa no gesto e aquela do discurso que o acompanha. De acordo com McNeil, Alibali e Evans (2000), quando os gestos acompanham uma mensagem oral, eles geralmente reforçam o discurso a que estão associados, de modo que podem transmitir o mesmo conteúdo semântico. Esse reforço facilita a compreensão, porque os gestos fornecem um suporte externo que ajuda no entendimento de mensagens que possam carregar um nível mais alto de complexidade.

Quando a fala e um gesto são sincronizados, vemos algo que é simultâneo e sequencial [...]. Há uma combinação de duas estruturas semióticas para a mesma unidade de ideia subjacente, cada uma com sua própria expressão potencial.

A fala e o gesto são coexpressivos, mas semioticamente não redundantes. (MCNEILL, 2002, p. 2).

De acordo com McNeill (2015, p. 105), “os gestos e o discurso são realmente partes integrantes de um único processo” em que o gesto manifesta a ideia ou situação que é inerente a esse processo. Assim, para o autor, as mãos deixam de ser apenas mãos para serem símbolos, quando o falante está performando gestos, os quais não são simples movimentos nem podem ser explicados em termos puramente cinésicos, pois, na condição de “símbolos que demonstram significados” criados no momento da fala, os gestos coexistem com o discurso, embora sejam qualitativamente diferentes dele. O autor, claramente, evidencia a importância de tratar, com exclusividade, o gesto que acompanha o discurso, visto que a própria palavra “gesto” apresenta uma certa imprecisão: “A palavra gesto é imprecisa. Abrange uma série de fenômenos, com diferentes funções e processos subjacentes de evocação e organização plausivelmente diferentes” (MCNEILL, 2002, p. 1). Diferentemente de emblemas, os quais possuem padrões de formas já estabelecidas, as gesticulações são produzidas no momento da fala corrente, sem restrições de formas convencionadas.

Nesse sentido, o gesto do qual se trata nessa integração é uma ação relacionada à conversa em andamento e que possui as características de manifesta expressividade deliberada (KENDON, 2004). Desse modo, gesto e fala são considerados como partes de um único sistema e, por essa razão, não devem ser analisados separadamente, conforme aponta Tellier (2009).

Há duas evidências que comprovam a teoria do sistema unificado de gesto e fala. A primeira delas está relacionada à forte coerência semântica entre as duas modalidades em um enunciado. Segundo McNeill (1992), esse sistema de comunicação unificado tem essa coerência porque a gesticulação e o discurso compartilham uma representação cognitiva comum, fazem parte de uma única ideia, como já dito anteriormente. Quando um falante produz uma mensagem, a maioria das informações que ele deseja compartilhar é transmitida pelo discurso, enquanto a outra parte pode ser canalizada através de gestos. No entanto, Tellier (2009) afirma que gesto e fala transmitem informações de diferentes perspectivas: a fala está em conformidade com um sistema codificado, restrito e reconhecível de palavras e dispositivos gramaticais, enquanto o gesto está livre dos padrões da forma como a língua impõe e transmite significado, tendo uma base mais visual. Com gestos, pode-se descrever a forma, movimentos ou tamanho com muito mais facilidade do que com palavras. Na maioria das vezes, as informações transmitidas através dos gestos são imagens visuais.

Por serem tão diferentes, quando implicam na mesma mensagem, gesto e fala nem sempre trazem a mesma informação. Church e Goldin-Meadow (1986) falam sobre as correspondências gesto-fala quando o gesto é elaborado sobre um tópico já introduzido no discurso e sobre as incompatibilidades gesto-fala quando o gesto introduz novas informações não transmitidas no discurso. Por essa razão, não é raro que os gestos tragam informações que completam o discurso e podem variar em diversas dimensões como tempo, forma, movimento, trajetória, uso do espaço, ritmo etc.

A segunda evidência de que gesto e fala formam um sistema unificado é que eles, na maioria das vezes, são síncronos. McNeill (1992) constatou que 90% dos gestos são produzidos

enquanto o gesticulador está falando. Verificou-se também que gesto e fala são cotemporais em um único enunciado: uma ação gestual alinha-se com o equivalente linguístico.

Segundo Kelly, Özyürek e Maris (2010), a fala afeta o que as pessoas produzem no gesto e este, por sua vez, afeta o que as pessoas produzem na fala. Além disso, McNeill (2015) reforça que esta interação é tão fundamental que, sob muitas circunstâncias, gesto e fala estão acoplados. Isso quer dizer que produzir um gesto geralmente requer uma fala. Essas duas afirmações são centrais para a teoria geral de que gesto e fala são realmente parte e parcela da língua, ou seja, juntos eles constituem a língua. Gesto e fala, mútua e obrigatoriamente, interagem entre si para facilitar a compreensão.

Para Özyürek (2014), os ouvintes reúnem informações de sentido coletadas das duas modalidades como uma representação semântica coerente e integrada. A autora se questiona se os gestos são inicialmente processados independentemente do que é transmitido na fala ou se há interações bidirecionais entre o processamento semântico da fala e gestos, em que um processamento independente de ambos não ocorre.

Na compreensão, as relações semânticas relativas entre os dois canais são levadas em consideração, fornecendo evidências contra o processamento independente dos dois canais. Além disso, e crucialmente, esse efeito é bidirecional e semelhante quando os objetivos de fala ou gesto se relacionam ou não com as ações. Dessa forma, o gesto influencia o processamento da fala e esta, por sua vez, influencia o processamento do gesto.

5. Considerações finais

Ao longo das últimas décadas, muitas pesquisas foram realizadas para se entender melhor como os gestos são produzidos e quais são suas funções. Constata-se a relevância deste canal não apenas pelas informações adicionais que pode fornecer aos ouvintes, mas também por se configurar como um recurso que auxilia o falante no momento em que produz seu discurso.

Por ser fortemente ligado à fala, o gesto compõe, juntamente com ela, um sistema integrado. Essa noção soa cada vez mais aceitável, não apenas na área de estudos sobre produção gestual, onde surgiram as teorias, estendendo-se também para as pesquisas no domínio da recepção. Contudo, as pesquisas sobre a compreensão gestual ainda são incipientes e precisam de maior interesse por parte dos estudiosos para articulá-las claramente com as teorias (KELLY; ÖZYÜREK; MARIS, 2010).

Através de uma perspectiva multimodal da língua, fica cada vez mais evidente que os sentidos motivados pelos gestos, em suas múltiplas possibilidades de expressões comunicativas, estão presentes não apenas nas línguas de sinais, mas em todas as línguas faladas. Durante a compreensão, o indivíduo pode nem perceber os gestos produzidos, mas esses serão levados em consideração no processamento da mensagem como representações significativas.

No que concerne à tipologia gestual, em publicações mais recentes, McNeill (2006, 2015), assinala a importância da utilização do termo “dimensões”, em vez de “tipos”. Essa mudança é motivada pela constatação de que a iconicidade, a metafóricidade, a dêixis e a ritmicidade abrangem dimensionalidade, e que tais categorias não são realmente categóricas. De fato, essas dimensões podem estar presentes em um único gesto. Segundo o autor, um resultado prático desse dimensionamento

seria o melhoramento do código gestual, pois, assim, não haveria mais a necessidade de se encaixar forçadamente cada ocorrência de gesto em um quadro puramente tipológico.

6. Referências Bibliográficas

ANDONEGI, Asier Romero; LEJARETA, Aintzane Etxebarria; DELGADO, Irati de Pablo; ANDONEGI, Ainara Romero. Interrelación entre gestos y vocalizaciones en funciones comunicativas tempranas: Evidencias desde la lengua vasca. *In: Revista Signos*. Estudios de Lingüística, ISSN 0718-0934, 2017. Disponível em: https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-09342017000100005. Acesso em: 02 maio 2020.

CAVALCANTE, Marianne C. B. A matriz gesto-fala em aquisição da linguagem: Observando o diálogo em manhês. *In: Anais da ABRALIN 40 anos*. VI Congresso Internacional da ABRALIN. João Pessoa: Idéia, 2009, v. 1. p. 2425-2434. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009/PDF/Marianne%20C.%20B.%20Cavalcante%20-%20ok.pdf. Acesso em: 16 jul. 2020

CAVALCANTE, Marianne C. B. Contribuições dos estudos gestuais para as pesquisas em aquisição da linguagem. *In: Linguagem & Ensino*, Pelotas, v.21, n. esp., [VIII SENALE] p. 5-35-, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/viewFile/15199/9377>. Acesso em: 16 jul. 2020.

CAVALCANTE, Marianne C. B.; BRANDÃO, Lavínia Wanderley Pinto. Gesticulação e fluência: contribuições para a aquisição da linguagem. *In: Cadernos de Estudos Linguísticos - (54.1)*, Campinas, Jan./Jun. 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636971>. Acesso em: 16 jul. 2020.

CAVALCANTE, Marianne C. B.; BARROS, Andressa T. M. de C.; SILVA, Paula M. S. da; NÓBREGA, Paulo V. Ávila. Gestualidade como uma pista importante da fluência infantil. *In: Revista ProLíngua* – ISSN 1983-9979. Volume 10 - Número 1 - jan/fev de 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/prolingua/article/view/27586>. Acesso em: 16 jul. 2020.

CHURCH, R. B.; GOLDIN-MEADOW, S. **The mismatch between gesture and speech as an index of transitional knowledge**. *Cognition*, 23, 43-71, 1986.

GOLDIN-MEADOW, S. **Hearing Gesture: How our hands help us to think**. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 2003.

GULLBERG, Marianne; BOT, Kees de; VOLTERRA, Virginia. Gestures and some key issues in the study of language development. *In: Gesture* 8:2. John Benjamins Publishing Company, 2008. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/50809633_Gesture_and_some_key_issues_in_the_study_of_language_development. Acesso em: 02 maio 2020.

KELLY, S. D.; ÖZYÜREK, A.; MARIS, E. Two sides of the same coin: speech and gesture mutually interact to enhance comprehension. *In: Psychol. Sci.* 21, 260 – 267, 2010. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0956797609357327>. Acesso em: 02 maio 2020.

KENDON, A. Gesticulation and speech: two aspects of the process of utterance. *In: The relationship of verbal and nonverbal communication* (ed. M Ritchie Key), p. 207–227. The Hague, The Netherlands: Mouton, 1980. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/333191227_Gesticulation_and_Speech_Two_aspects_of_the_process_of_utterance. Acesso em: 27 jun. 2020.

KENDON, A. **Gesture: Visible Action as Utterance**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

MCNEIL, Nicole M; EVANS, Julia L; ALIBALI, Martha W. The Role of Gesture in Children's Comprehension of Spoken Language: Now They Need It, Now They Don't. *In: Journal of Nonverbal Behavior*, 24, 131–150, 2000. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1023/A:1006657929803>. Acesso em: 27 jun. 2020.

MCNEILL, David. **Hand and Mind: What gestures reveal about thought**. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.

MCNEILL, David. **Language and Gesture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

MCNEILL, David. Gesture and language dialectic. *In: Acta Linguistica Hafniensia*. University of Chicago, 34, 7-37, 2002. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/03740463.2002.10414607>. Acesso em: 27 jun. 2020.

MCNEILL, David. Gesture: a psycholinguistic approach. *In: The Encyclopedia of Language and Linguistics*. 2006, p. 1-15. Disponível em: http://mcneilllab.uchicago.edu/pdfs/gesture.a_psycholinguistic_approach.cambridge.encycllop.pdf. Acesso em: 27 jun. 2020.

MCNEILL, David. **Why We Gesture: The Surprising Role of Hand Movements in Communication**. Cambridge University Press, 2015.

ÖZYÜREK, A. Hearing and seeing meaning in speech and gesture: insights from brain and behaviour. *In: Phil. Trans. R. Soc. B*, 369: 20130296, 2014. Disponível em: <https://royalsocietypublishing.org/doi/10.1098/rstb.2013.0296>. Acesso em: 02 maio 2020.

SUÁREZ, Félix E. Relación entre el componente gestual y el componente sintáctico en narraciones orales. *In: Boletín de Lingüística*, XXIII/35-36 /Jan-Dez, 2011: 101-122. Disponível em: http://ve.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0798-97092011001200006. Acesso em: 16 jul. 2020.

TELLIER, Marion. The development of gesture. de Bot. *In: Language development over the lifespan*, Routledge, pp.191-216, fhal-00378850f, 2009. Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-00378850>. Acesso em: 16 jul. 2020.

VAN DIJK, Teun. El estudio del discurso. *In: VAN DIJK, Teun (Org.). El discurso como estructura y proceso*, 21-65. Barcelona: Gedisa, 2000. Disponível em: <http://padron.entretemas.com.ve/cursos/AdelD/unidad1/1EstudioDiscurso.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2020.